

TURISMO COMUNITÁRIO E CAMPING: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O PLANEJAMENTO DA HOSPEDAGEM TURÍSTICA EM PENEDO (SÃO DESIDÉRIO, BAHIA)

Jennifer Ingrid Vieira Batista Rocha[1]
Pedro Henrique Batista Fernandes[2]
Paulo Roberto Baqueiro Brandão[3]

Palavras-chave: Turismo Comunitário; Hospedagem turística; Penedo (São Desidério, Bahia).

INTRODUÇÃO

O turismo comunitário tem se consolidado como uma sólida forma de estabelecer condições ao desenvolvimento local, promovendo a interação entre turistas e comunidades anfitriãs sem afetar a soberania e as formas de reprodução social das populações receptoras. A Nova Lei do Turismo – Lei Federal n. 14.978/2024 (Brasil, 2024) – introduziu algumas mudanças voltadas o desenvolvimento turístico brasileiro, entre as quais o incentivo à participação de comunidades e populações tradicionais no desenvolvimento de atividades turísticas.

A experiência turística de base comunitária não se baseia apenas na relação de trabalho e economia. A partir da vivência de tempo livre e lúdica tal experiência pode ser capaz de promover autoconhecimento, criticidade e emancipação (Fazito *et al*., 2018), estabelecendo, ainda, meios para de troca de conhecimentos e novas experiências e vivências social, cultural e natural, ao tempo em que visibiliza e atribui papeis de protagonismo às comunidades locais.

A proposta levada a cabo no âmbito do GRUDET/UFOB (Grupo de Pesquisa em Dinâmicas Espaciais e Desenvolvimento Territorial) desde 2019, cujo propósito é

[1] Estudante da Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
[2] Estudante do Bacharelado em Geografia da Universidade Federal do Oeste da Bahia.
[3] Doutor em Geografia, docente da Universidade Federal do Oeste da Bahia.

desenvolver uma iniciativa de turismo comunitário no Penedo (São Desidério, Bahia), por meio de uma ação cooperativa entre universidade e moradores locais (Brandão, 2020; 2022), já tem consolidado alguns avanços significativos, como (a) delimitação e autoidentificação do território local, (a) caracterização dos saberes-fazeres populares, (c) identificação e mapeamento de trilhas e (d) planejamento do uso dessas trilhas para interpretação do patrimônio-territorial.

No entanto, é sobejamente sabido pelo grupo envolvido nos projetos já executados e em andamento, que há, ainda, uma longa trajetória a ser percorrida no processo de consolidação do Penedo como destino para a realização de práticas turísticas de base comunitária. Entre os diversos desafios a serem enfrentados, um dos que reclamam atenção e prioridade é o planejamento das formas de hospedagem a serem disponibilizadas aos visitantes. Atualmente, as visitações estão restritas ao excursionismo, uma vez que não há, na localidade, nenhum tipo de hospedagem que permita a permanência de visitantes por períodos que exijam pernoite.

Na etapa atual de desenvolvimento das ações cooperativas para o desenvolvimento do turismo comunitário em Penedo (2024-205), busca-se promover o planejamento dos meios de hospedagem locais a partir da elaboração de um plano diretor para um camping no local conhecido como Balneário do Mendes. Assim, este texto trata de introduzir uma reflexão sobre o planejamento de uma área de camping, com ênfase nos aspectos conceituais que a norteiam

METODOLOGIA

Conforme destacado anteriormente, este escrito contempla as reflexões iniciais sobre as bases conceituais que sustentam o projeto de extensão intitulado “Planejamento de meios de hospedagem para o turismo comunitário no Penedo (São Desidério, Bahia)”, ora desenvolvido no âmbito do PIBIEX/UFOB (Programa de Iniciação à Extensão da Universidade Federal do Oeste da Bahia), amparado nas premissas da Teoria Social Crítica, a partir de uma abordagem qualitativa.

No que concerne ao enquadramento conceitual, o estudo é feito com base na revisão de literatura, com ênfase na leitura crítica de livros e artigos que versam sobres as temáticas do turismo comunitário e campismo. Taylor e Procter, citados por Moreira (2004, p. 22) conceituam revisão de literatura “como uma tomada de contas sobre o que foi publicado acerca de um tópico específico”, permitindo, pois, elaborar “sínteses compreensivas da evidência científica disponível” (Sarmento, 2024, p. 8).

DISCUSSÕES E RESULTADOS

O turismo comunitário é uma forma de desenvolvimento local que envolve a participação direta das comunidades na gestão das atividades turísticas. Valoriza os saberes tradicionais, promove vivências sustentáveis e respeita o modo de vida local. Para Irving e Mendonça (2009), essa prática baseia-se na construção coletiva e na corresponsabilidade social, fundamentais para um turismo justo e sustentável. Segundo Carvalho (2020), o turismo não se resume ao destino final, mas configura-se como uma rede de relações que articula valores culturais, sociais e ambientais dos territórios envolvidos.

Irving (2009) destaca que iniciativas legítimas de turismo comunitário exigem protagonismo das comunidades envolvidas em todas as etapas do processo turístico, desde o planejamento até a execução e avaliação. O autor critica modelos que apenas utilizam a

imagem da participação comunitária, mas que, na prática, mantêm estruturas hierárquicas e decisões centralizadas por agentes externos. Para Inving, o turismo comunitário deve ser uma construção coletiva, baseada na autogestão e em relações horizontais, que respeitem os tempos, os valores e os interesses dos moradores locais. Nesse sentido, o turismo se transforma em ferramenta política de resistência e afirmação cultural.

Alinhados a essa perspectiva, Santos et al. (2022) enfatizam que o turismo comunitário deve ser gerido pelas próprias comunidades, garantindo sua autonomia e evitando a apropriação indevida por grandes corporações. De maneira semelhante, Xavier e Bassetti (2014) apontam que essa abordagem de turismo está intrinsecamente ligada a processos de resistência cultural e econômica, pois fortalece a identidade local e reduz a dependência de investidores externos, promovendo uma gestão mais sustentável e equitativa do território.

Estudos como os de Bispo, Costa e Barbosa (2023) destacam que a prática do turismo comunitário deve ser acompanhada por políticas públicas e incentivos que viabilizem sua autossuficiência, mas sem afetar a autonomia das comunidades. No Brasil, iniciativas como a do Povo Indígena Pataxó, em Coroa Vermelha (Bahia), das comunidades quilombolas em Alcântara (Maranhão) e da Reserva Extrativista do Médio Juruá (Amazonas) demonstram que a gestão comunitária do turismo pode resultar em movimentos benéficos significativos às populações receptoras. Segundo Brandão, Barbieri e Silva (2016), a experiência de turismo nas comunidades indígenas da Amazônia reforça a importância de respeitar os saberes tradicionais na construção de roteiros turísticos.

O camping, tomado como meio de hospedagem no turismo comunitário, permite que os visitantes vivenciem experiências mais autênticas e reduzam sensivelmente os impactos da sua presença, especialmente no que diz respeito à construção de grandes edificações. Zanatta (2010) destaca que o turismo de camping na Ilha Grande (Rio de Janeiro) tem sido um fator de desenvolvimento local, promovendo interações culturais e empoderamento feminino. Na comunidade do Aventureiro, por exemplo, as mulheres foram pioneiras na gestão dos campings, o que demonstra o potencial desse modelo para fortalecer dinâmicas sociais locais.

Nesse contexto, o camping surge como uma forma de hospedagem que se alinha aos princípios do turismo comunitário, oferecendo uma alternativa de baixo impacto ambiental. Ao optar por acampamentos gerenciados por comunidades locais, os visitantes estimulam o desenvolvimento da economia social e solidária, ao tempo em que vivenciam um contato mais próximo com a natureza e com os modos de vida locais. Essa modalidade de hospedagem permite não apenas a redução de impactos dos viajantes, mas também estimula práticas mais conscientes de consumo e convivência.

Steinbusch (2014) enfatiza o papel do camping na conservação ambiental, citando a proposta de um Eco Camping em Sintra (Portugal) como um exemplo bem-sucedido de integração entre hospedagem e educação ambiental. De acordo com Almeida e Nunes (2015), a prática do camping em áreas naturais pode fortalecer a conexão entre turistas e a biodiversidade local, promovendo a educação ambiental por meio de experiências imersivas. Além disso, iniciativas de camping sustentável, como as desenvolvidas em Juquitiba (SP) e na Comunidade Campina, em Palmeiras (BA), demonstram que o acampamento pode contribuir para a regeneração de áreas degradadas e incentivar políticas de turismo responsável, ao envolver visitantes em ações de reflorestamento, compostagem e conservação ambiental.

A criação de espaços para camping como apoio a iniciativas de turismo comunitário não é embasada apenas em proposições técnicas ou econômicas, mas, antes de tudo, é uma ação de construção de relações mais respeitosas entre pessoas, territórios e natureza. Quando

o turismo deixa de ser uma simples visita e passa a ser uma vivência compartilhada, adquire o poder de transformar tanto quem chega quanto quem acolhe. O camping, nessa perspectiva, vai além da hospedagem: torna-se uma forma de reconexão com o meio ambiente, com os modos de vida simples e com os saberes das comunidades locais. Em lugares como Penedo, em São Desidério (Bahia), percebe-se o potencial que iniciativas como essa têm de florescer, ampliando as possibilidades de vivências que o turismo comunitário propõe.

Penedo é um pequeno povoado formado por uma comunidade tradicional de fundo e fecho de pasto, cuja localização, entre o Rio das Fêmeas (curso d'água de 3ª ordem da Bacia do Rio São Francisco) e as escarpas da depressão sanfranciscana, entre os Gerais e o Vale, permite vivências sensoriais únicas, especialmente, nas trilhas e pelo contato com as comunidades locais e seus saberes-fazeres, fortemente ligados aos cerrados.

A proposta do plano diretor do camping contempla o planejamento de uma área conhecida como Balneário do Mendes, localizado na margem esquerda do Rio das Fêmeas, em um local aprazível, relativamente bem vegetado e propício para banho. O fomento à criação do camping, a ser gerido coletivamente, busca aumentar o tempo de permanência dos visitantes, que, atualmente, apenas praticam o excursionismo (visitas com duração inferior a 24 horas), dada a atual inexistência de meios de hospedagem. A proposta é utilizar saberes-fazeres locais no processo construtivo de pequenas instalações para os visitantes, considerando como premissa essencial os limites ambientais da área.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo comunitário e o camping representam alternativas viáveis para um turismo mais justo e centrado na preservação das formas de reprodução social e econômica das comunidades receptoras. A participação ativa dessas comunidades é essencial para garantir a preservação do meio ambiente e a continuidade da vida coletiva, com soberania. Mais do que promover o desenvolvimento, esse modelo convida à escuta, à partilha e à construção conjunta de um futuro com justiça espacial. O envolvimento da comunidade desde o início do processo, o respeito aos ritmos e às tradições locais e a valorização dos saberes-fazeres populares são pilares que fazem dessa prática algo vivo, potente e transformador.

A implementação de um projeto de extensão universitária nessa localidade vem se consolidando a partir dos elos inquebrantáveis entre conhecimento acadêmico e saberes das gentes comuns, abrindo caminhos para que Penedo se consolide como exemplo de turismo que cuida, acolhe e inspira. Assim, quando o turismo nasce do território e é cultivado com afeto e responsabilidade, deixa de ser apenas um setor da economia e se torna um projeto de vida para todos os envolvidos.

Ademais, importa salientar que, tanto no contexto da extensão, quanto na elaboração de projetos técnicos, o embasamento conceitual é um elemento de fundamental importância para dar bases sólidas à intervenção que se quer empreender. Neste sentido, compreender, o mais profundamente possível, os conceitos que norteiam o debate sobre turismo comunitário e implantação de camping em áreas de relevante interesse natural e cultural é um passo que estes autores não abrem mão no processo de construção de uma proposta para a comunidade do Penedo.

REFERÊNCIAS

Almeida, E. F.; Nunes, J. R. S**. Educação ambiental e ecoturismo em área natural: um estudo de caso no Mirante Camping e Lazer no município de Tangará da Serra**

- MT. *Revista UNICIÊNCIAS*, Cascavel, v. 19, n. 2, 2015. Disponível em: https://uniciencias.pgsskroton.com.br/article/view/677. Acesso em: 30 abr. 2025.

Bispo, A. S.; Costa, A. A. S.; Barbosa, P. A. **Uma análise etnográfica da prática do etnoturismo indígena na Terra Indígena Coroa Vermelha sob a perspectiva do turismo de base comunitária. *Revista Latino-Americana de Turismologia*, v. 9, n. 1, 2023.** Disponível em: https://rlt.ifrs.edu.br/index.php/rlt/article/view/619. Acesso em: 30 abr. 2025.

Brandão, C. N.; Barbieri, J. C.; Silva, L. C. J**. Turismo sustentável em comunidades indígenas da Amazônia. *Revista de Administração de Roraima (RARR)*, Boa Vista, v. 6, n. 1, p. 171–191, jan./jun. 2016.** Disponível em: https://revista.ufrr.br/adminrr/article/view/4147. Acesso em: 30 abr. 2025.

Carvalho, P. M. F. M. **O destino turístico – um território como uma rede de relacionamentos.** In: Moreira, Maria João (org.). *Turismo: sustentabilidade e cultura*. Curitiba: Atena Editora, 2020. p. 31-42. Disponível em: https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/37829. Acesso em: 29 abr. 2025.

Freire-Medeiros, B**. Gringo na laje: produção, circulação e consumo da favela turística.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

Irving, M. **Reinventando a reflexão sobre turismo de base comunitária.** In: Bartholo, R; Sanzalo, D; Bursztyn, I.; (org.). *Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p. 108-121.

Irving, M. A.; MENDONÇA, T. C. M**. Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turísticos no Brasil – Prainha do Canto Verde, Beberibe (CE).** *Caderno Virtual de Turismo*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 36-52, 2009. Disponível em: https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/66. Acesso em: 29 abr. 2025.

Moreira, W. **Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceituação e estratégias para confecção.** *Janus*, v. 1, n. 1, p. 22-30, 2004.

O Camping**. Camping sustentável: como respeitar e proteger a natureza**. Disponível em: https://ocamping.com.br/camping-sustentavel-como-respeitar-e-proteger-a-natureza/. Acesso em: 30 abr. 2025.

Sarmento, H**. Revisão sistemática de literatura. Mossoró: Edições UERN, 2024.**

Santos, A. A.; Sayago, D. A. V.; Miller, F. S.; Golets, A. **Turismo comunitário como estratégia de resistência territorial na comunidade do Cumbe, Ceará, Brasil. *Revista Pós Ciências Sociais*, v. 19, n. 3, p. 551–568, 2022.** Disponível em: https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/20156. Acesso em: 29 abr. 2025.

Steinbusch, L. Sintra Eco Camping. 2014. **Dissertação (Mestrado em Turismo) – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Estoril**.

XXavier, M. A.S.; Bassetti, T. B. **Turismo como aporte ao avanço do capital na Vila de Itaúnas/ES e a cultura como expressão de resistência**. *Geografares*, n. 18, 2014. Disponível em: https://journals.openedition.org/geografares/14592. Acesso em: 29 abr. 2025.